

Autoritarismos de Estado, juventudes desesperançadas: conexões PUNK¹

Luana Piveta de Moura Luz (USP/Brasil)

Palavras-chave: ditadura militar brasileira; apartheid; movimento PUNK

De maneira geral, como aponta Moutinho (2004), no campo das relações raciais, Brasil e África do Sul costumam ser colocados em posições opostas: de um lado, a “democracia racial”; e de outro lado, o “*apartheid*”, o que dificulta a identificação de conexões entre os países. Nesta pesquisa, que faz parte de um projeto maior², início o mapeamento de uma conexão Brasil-África do Sul, através da trajetória de André Fredrick Pretorius, sul-africano, africânder e *punk*, que mudou-se para Brasília em 1978 aos 17 anos, por conta do pai, Johann Frederick Pretorius, que era embaixador da África do Sul.

Africânders, como André e seu pai, são os brancos sul-africanos que falam *afrikaans* e que se consideram participantes do “*afrikanervolk*”, povo cuja origem remete aos "bôeres", descendentes de holandeses, franceses e alemães, que fundaram as Repúblicas de *Orange* e *Transvaal* no século XIX. A identidade africânder articula raça com nacionalismo, militarismo e religião. São calvinistas e se consideram predestinados a cumprir missão civilizatória e cristianizadora³.

Os africânderes criaram a base ideológica do que viria a ser o regime autoritário de base racial que esteve no poder na África do Sul entre 1948 e 1994: o *apartheid*. Baseado na ideia de que o intercuro sexual inter-racial acontece, como argumenta Moutinho (2004), na medida em que haja convivência entre as diferentes raças, a questão da coabitação foi central para o *apartheid*, que construiu um sistema de leis para proibir tanto as relações sexuais inter-raciais, quanto os casamentos e para determinar a separação dos locais de moradia, lazer trabalho, estudo, serviços, entre outros. A pesquisa mais ampla, parte da premissa de que o *apartheid* refunda o Estado: “faz a gestão do gênero e da sexualidade através da raça e do racismo, no sentido de evitar a miscigenação” (Moutinho, 2004 e 2018).

André Pretorius, quando chegou em Brasília, em 1978, era *punk* e se vestia de acordo com a

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

² Projeto *Bacharéis, empregados e clérigos: um estudo sobre a dinâmica das interações sociais numa cidade sul-africana*; financiamentos: Edital Universal e bolsa produtividade CNPq. Coordenação: Laura Moutinho (PPGAS/USP).

³ Cloete, 1992; Moutinho, 2004.

estética do grupo, ficando conhecido como Sid Vicious loiro. Sid Vicious era o guitarrista da banda *punk* inglesa *Sex Pistols*, presente no primeiro diálogo entre Pretorius e Renato Russo, quando se encontraram em Brasília. Segundo Renato⁴ foi uma amizade instantânea, em um contexto em que quase ninguém conhecia o *punk* no Brasil. Desta parceria, somados ao Felipe Lemos, começou o “Aborto Elétrico”, uma das primeiras bandas punks de Brasília, durante a última década da ditadura militar brasileira, que se estendeu de 1964 a 1985. Renato Russo e Fê Lemos posteriormente formaram as bandas de rock nacional (ou *BRock*, como coloca o historiador Arthur Dapieve, 1995) Legião Urbana e Capital Inicial, respectivamente, ambas nacional e internacionalmente famosas.

Figura 1 - André Pretorius



Fonte: Página Clube 27 no Facebook⁵

André, Renato e Fê Lemos integravam a “Turma da Colina”, como ficou conhecido o grupo dos jovens punks que frequentavam a área dos prédios destinados a famílias de funcionários e professores da UnB. A colina também abrigava estudantes, até 1968, quando foram expulsos, por conta da perseguição da ditadura militar a líderes estudantis, ficando somente professores e funcionários. Era um espaço onde havia certa agitação cultural, *jams sessions*, shows, etc. Entretanto, Brasília, planejada e construída para ser a sede do poder político nacional, aparece em falas na bibliografia como uma cidade com poucas opções de lazer para aqueles jovens:

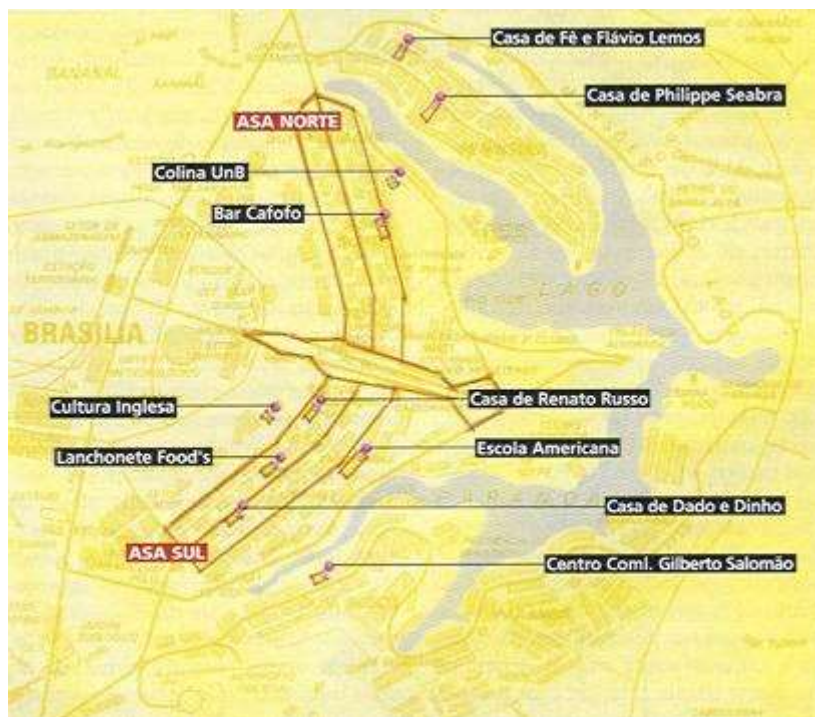
No início, Brasília era quase uma cidade fantasma, com poucas opções de lazer. Quem mais sofreu com isso foram os adolescentes, que saíram de suas cidades já desenvolvidas para um

⁴ Entrevistas MTV Passado, Presente e Futuro, 1994.

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/Clube27BR/photos/este-%C3%A9-andr%C3%A9-pretorius-ex-integrante-fundador-da-banda-brasiliense-aborto-el%C3%A9trico/1638764489472298/>
Acesso em: 14 set. 2022.

lugar novo e desconhecido (até mesmo em sua arquitetura), onde não havia nenhum ponto de encontro, shopping, nada. Era (e é) costume ir a clubes ou passar as tardes dentro das Superquadras andando de bicicleta, jogando bola ou conversando embaixo dos blocos (há uma música de Renato Russo em sua época de Trovador Solitário que diz: “Sentado embaixo de bloco sem ter o que fazer, olhando as meninas que passam...”). Foi através da música que o pessoal da Turma encontrou um modo de agir e quebrar o tédio. (MARCHETTI, 2001, p.9)

Figura 2 - Mapa de Brasília com pontos importantes para a Turma da Colina



Fonte: MACEDO, Carlos. O nascimento do Aborto Elétrico. Revista ShowBizz, n.174, pp.38-40, Janeiro 2000. ⁶

O intervalo entre o surgimento dos *Sex Pistols*, banda pioneira do punk inglês, e o encontro de André Pretorius com Renato Russo é de apenas três anos, por isso, realmente quase não se conhecia o *punk* no país. As músicas *punks* chegavam para a Turma por fitas gravadas das rádios de Londres e enviadas por amigos que estavam lá, como Fê e Flávio Lemos e André Mueller (da banda Plebe Rude).

No artigo “O rock brasileiro dos anos 1980: qual o perfil social dos roqueiros incorporados pela indústria da música?”, de 2020, Maria Jardim e Tiago Rosa demonstram que se trata de jovens que eram em grande maioria brancos, do sexo masculino e detentores de altos capitais econômico, social e cultural.

Além disso, entre a “Turma da Colina” se observa amplo acesso a um trânsito internacional de pessoas e de ideias. Além de André Pretorius, filho do embaixador sul-africano; Renato Russo,

⁶ Disponível em: http://facialweb.freeoda.com/aborto_eletrico.html Acesso 14 set. 2022.

era filho de um economista com alto cargo no Banco do Brasil e morou com a família em Nova Iorque; Fê e Flávio Lemos eram filhos de um professor universitário e moraram na Inglaterra; e Philippe Seabra (banda Plebe Rude) nasceu nos Estados Unidos e era filho do diplomata estadunidense, por exemplo.

Em um contexto em que a ditadura militar dificultava as importações, os jovens da Turma da Colina conseguiam importar discos e instrumentos musicais da Inglaterra e Estados Unidos através dos consulados e embaixadas, além das fitas gravadas de programas internacionais, que chegavam pelos amigos que viajavam. Foi através desse trânsito internacional, possibilitado por seu lugar social, que esses jovens se conectaram com o *punk*.

O primeiro show do Aborto Elétrico e único com Pretorius aconteceu em janeiro de 1980 no Bar Só Cana, no Lago Sul. Enquanto tocava sua guitarra, Pretorius quebrou a palheta e continuou tocando com os dedos, que começaram a sangrar, mas isso não fez com que ele parasse de tocar. Segundo matéria da Revista ShowBizz sobre o Aborto Elétrico, “Perplexo, o grupo que estava no bar demorou para entender que estava presenciando o batismo da primeira banda punk brasileira.”⁷

Quando as músicas do Aborto Elétrico passaram a ter letras, assim como nas bandas inglesas, as músicas falavam do cotidiano, da angústia e desesperança desses jovens urbanos, que viviam na cidade sede do poder e conviviam de perto com o aparelho repressivo do Estado brasileiro durante a ditadura militar, mesmo com privilégios por sua posição social. Na Turma também havia muitos filhos de militares, o que fazia com que, apesar de serem constantemente interpelados pelo aparato da violência da ditadura, fossem sempre liberados no final.

Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg em “Lugar de Negro” (1982) mostram que, embora não haja no Brasil legislação semelhante a do *apartheid*, há separação entre os locais de moradia dos grupos branco e não-branco, o primeiro ocupando os melhores locais e casas espaçosas, com policiamento visando proteção; o segundo, morando nos territórios mais inseguros, em casas pequenas, com condições de higiene precárias e onde o policiamento se torna repressão; além de toda uma estrutura que distribui desigualmente as oportunidades de educação e trabalho, de forma desfavorável aos negros. Neste sentido, parece interessante pensar que André Pretorius sai de uma África do Sul extremamente militarizada, onde a separação entre os grupos brancos e negros é regulada legalmente e chega em um Brasil também muito militarizado, onde, a

⁷ O nascimento do Aborto Elétrico por Carlos Macedo, Revista ShowBizz, Janeiro, 2000, p.38-40.

despeito do “mito da democracia racial”, também se relaciona quase somente com jovens brancos.

Nyameka Mankayi (2010), em *Race and masculinities in South Africa*, argumenta que a militarização está enraizada na sociedade sul-africana, da mesma forma, a imagem do homem branco soldado como símbolo de masculinidade, já que o serviço militar era obrigatório, inicialmente por seis meses, aumentando para nove meses na década de 1960, chegando a dois anos, tempo de serviço de André Pretorius, que em 1980, foi forçado a retornar para a África do Sul para, como todo jovem africânder, para servir o exército do *apartheid*.

A autora mostra que o recrutamento era considerado crucial para garantir a masculinidade adulta hegemônica, ou seja, para disciplinar esses jovens brancos, considerando que as forças armadas enfatizam e exageram essa masculinidade, definindo o ser soldado como uma personificação das práticas sexuais masculinas tradicionais. Faz parte da construção dessa masculinidade aspectos como virilidade, agressividade, poder, acesso a diferentes mulheres e o exagero de álcool. Além disso, Mankayi (2010) destaca que no exército se formam também outros tipos de masculinidade, relacionadas à sua posição na hierarquia institucional e à raça.

Mankayi (2010) transcreve trechos de entrevistas que realizou com os soldados e nelas aparece o uniforme militar, como um símbolo de masculinidade e que confere a esses homens, sensação de poder e superioridade. Neste sentido, Renato Russo, em entrevista⁸, fala que André Pretorius tinha também proximidade com a estética militar, usava roupas que remetiam ao exército e tinha pôsteres com imagens de guerra na parede de seu quarto.

Entre 1975 e 1989, período que compreende o tempo de serviço de Pretorius (1980-1982) as Forças Armadas Sul Africanas (SADF) iniciaram a “Guerra pela Fronteira”, que durou 14 anos no norte da Namíbia e sul de Angola, onde esses jovens africânders lutavam contra “grupos revolucionários”. No contexto da Guerra Fria, quando os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas disputavam continente africano, o *apartheid* colocou suas forças armadas a disposição da luta contra a ameaça socialista.

Em entrevista para a MTV, Renato Russo fala do quanto a ida para à guerra de Pretorius foi impactante para a Turma da Colina. Ele diz que “Foi maior comoção na turma, teve choradeira e tudo” e os amigos pensavam: “que mundo injusto e cruel, ele vai pra guerra, matar as pessoas

⁸ Entrevistas MTV Passado, Presente e Futuro, 1994.

que são inocentes”⁹. A bibliografia aponta que guerra afetou muito os homens sul-africanos que defenderam o *apartheid*. No caso de Pretorius, Ginny Hines, sua namorada, em reportagem da Revista Show Bizz, diz que Pretorius “Quando voltou ao Brasil, era uma pessoa diferente, atormentada”¹⁰.

Em 1982, ao fim do seu serviço militar obrigatório, Pretorius se mudou para os Estados Unidos para encontrar a namorada, Ginny Hines. No mesmo ano, voltou ao Brasil para uma visita aos amigos brasileiros. André Pretorius morreu em 1988, na Alemanha, de overdose, aos 27 anos.

A trajetória de André Pretorius possibilita pensar o trânsito e as conexões entre esses dois momentos autoritários extremamente militarizados, no Brasil e na África do Sul, suas infiltrações nos cotidianos, bem como nas desigualdades e relações raciais e de gênero nos dois países; e no movimento *punk*, como poderoso fator de conexão entre juventudes desesperançadas.

O *punk* conectou o jovem sul-africano a jovens brasileiros, através do trânsito internacional ao qual tinham acesso. Ao mesmo tempo criou um espaço onde, imersos em uma realidade sufocada pelo autoritarismo e pelo militarismo, podiam expressar sua angústia com o cotidiano e a realidade que viviam. No contexto da ditadura militar brasileira e do *apartheid*, que dificultavam a circulação de informações, a presença de Pretorius aproximou a Turma da Colina da ditadura de cunho racial sul-africana. Esses jovens, egressos de um mundo desesperançado, tiveram acesso, neste caso, não ao terror causado aos negros, mas ao drama de um jovem branco africânder em posição paradoxal: teve que servir a uma causa na qual não acreditava.

Referências Bibliográficas

CLOETE, Elsie. **Afrikaner Identity: Culture, Tradition and Gender**. África do Sul: Agenda: Empowering Women for Gender Equity, 1992, No. 13, Culture and Tradition, pp. 42-56, 1992.

ENTREVISTAS MTV Passado, Presente e Futuro. Rio de Janeiro: Mtv, 1994. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ArM1P5RbQf4>. Acesso em: 08 set.

⁹ Entrevistas MTV Passado, Presente e Futuro, 1994.

¹⁰ O nascimento do Aborto Elétrico por Carlos Macedo, Revista ShowBizz, Janeiro, 2000, p.38-40.

2021.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1982.

JARDIM, Maria Chaves; ROSA, Thiago Barros de Oliveira. **O rock brasileiro dos anos 1980: qual o perfil social dos roqueiros incorporado pela indústria da música?** Sinais, Vitória, n. 24/1 Jan-Jul 2020.

MACEDO, Carlos. **O nascimento do Aborto Elétrico**. Revista ShowBizz, n.174, pp.38-40, Janeiro 2000.

MARCHETTI, Paulo. **O Diário da Turma 1976-1986: a história do rock de Brasília**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001

MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul**. São Paulo: Unesp, 2004.

MOUTINHO, Laura. **Des braves gens qu’ils aiment de détester ensemble**. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MANKAYI, Nyameka. **Race and Masculinities in South African Military**. Scientia Militaria, South African Journal of Military Studies, Vol 38, Nr 2, 2010.

ROCHEDO, Aline do Carmo. **Os filhos da revolução: A juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980**. UFF, Niterói, 2011.